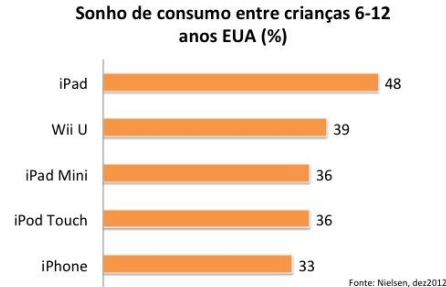


A revolução da educação digital [com infográfico]

Mariela Castro

Estou no aeroporto, fechado por causa da neblina, à espera de que meu voo decole. O saguão de embarque está cheio, e há também famílias – incluindo idosos, bebês de colo e várias crianças de idades entre três e oito anos. Como entreter os pequenos diante de atrasos de mais de duas horas para qualquer voo? A resposta é bem fácil: com um tablet. Pais que se prezem hoje não viajam com crianças sem carregar o apetrecho entre os bichos de pelúcia, o travesseirinho favorito e o carrinho de estimação.

De um lado, os que defendem que o excesso de tecnologia (TV, computador, tablet, smartphone) em tenra idade pode transformar as crianças, que “desaprenderiam” o valor de brincar (especialmente com outras crianças) e de ser criativas com poucos recursos, além de estimulá-las a uma vida mais ao ar livre, praticando atividades físicas. De outro, pais *hightech* que acreditam que a tecnologia faz parte da geração atual de bebês e que eles interagem de maneira instintiva com os equipamentos, ampliando sua visão de mundo desde muito novinhos, o que desenvolveria habilidades cognitivas.



A filha de oito anos de uma amiga me confidenciou há alguns dias que gostaria de ter um iPad e passou vários minutos escolhendo uma capa decorada com personagens de *cartoons* para o celular que ela nem tem. Essa geração de nativos digitais, que não sabe o que é a existência sem celular ou internet, tem argumentos muito sólidos para justificar por que querem os mais recentes *gadgets* do mercado.

“Vou poder estudar em qualquer lugar”, argumenta a menina (justificando o iPad), ciente de que a mobilidade e o “estar o tempo todo conectado” são realidades. **A escola como a conhecemos está em constante modificação.** Como se dará a relação ensino-aprendizagem num futuro próximo? O que motiva

os alunos hoje? Como os professores podem se preparar melhor para as demandas crescentes de pais e alunos em um mundo regido pela tecnologia?

“O educador continua sendo importante, não como informador nem como papagaio repetidor de informações prontas, mas como mediador e organizador de processos. **O professor é um pesquisador junto com os alunos** e articulador de aprendizagens ativas”, diz José Manuel Moran, ex-professor de Comunicação na USP e pesquisador de tecnologias digitais na educação. “Os professores podem ajudar os alunos incentivando-os a saber perguntar, a focar questões importantes, a ter critérios na escolha de *sites*, de avaliação de páginas, a comparar textos com visões diferentes. Podem focar mais a pesquisa do que dar respostas prontas. Seu papel é mais nobre, menos repetitivo e mais criativo do que na escola convencional”, avalia Moran.

Qualquer tentativa de pensar na educação do futuro necessariamente inclui tecnologia. Nada do que fazemos hoje está desvinculado disso. O grande erro, porém, é pensar que a tecnologia na educação é um fim em si.

O que vem de novo por aí

O caminho que a tecnologia traçou no meio educacional é sem volta. E já deu para perceber o seu efeito arrebatador, tanto em termos de conteúdos de aprendizagem como de formas de monitorar a evolução do aluno, tornando o processo de aprendizagem mais personalizado e eficiente.

Uma das iniciativas que está chegando ao mercado é a *startup* **Picxies**, cuja base são aprofundados testes online de perfil psicológico que desvendam as preferências de interação com o mundo, estilo de aprendizagem e perfil de competência e trabalho em equipe, de alunos de todas as idades. O objetivo é utilizar a tecnologia para nortear, de um lado, **professores e diretores na melhoria da qualidade do ensino** nas escolas públicas ou privadas (monitorando os resultados individuais, de cada classe, de cada disciplina, da escola em comparação com outras etc) e, de outro, **jovens em escolhas profissionais mais acertadas**, a partir da compreensão sobre a maneira como se relacionam, se interessam e reagem ao mundo, para que possam optar por caminhos que tenham a ver com seu temperamento, habilidades e competências.

Já a **Crazy for Education**, também uma *startup*, se apoia na tecnologia para outra proposta na área educacional: funcionar como um banco de aulas de diversos professores, sobre diversos temas, em diferentes línguas. O professor interessado pode postar sua aula lá, gratuitamente, e os alunos pagam uma anuidade para ter direito a acessar todo o conteúdo, a qualquer tempo. O princípio é o de **flipped learning**, ou “aula invertida”. A ideia é que o aluno assista vídeos, leia textos e execute exercícios e experiências *antes* de ir à escola, de acordo com um processo orientado pelo professor, e use o tempo da aula presencial para debater e tirar dúvidas em cima desse aprendizado individual.

Como será a escola do futuro

“Não adianta apenas dispor de artefatos tecnológicos. Se você não sabe como usá-los, computadores, tablets e smartphones são apenas um monte de ferramentas inúteis. Tecnologia é saber usar as ferramentas de que se dispõe, em busca dos melhores resultados”, ensina Carlos Seabra, consultor em novas mídias da Editora FTD.

O desafio das escolas hoje é combinar metodologia de ensino e tecnologia, com base no tripé competitividade, capacitação dos professores e gestão. Como diz Carlos Seabra, a tecnologia por si só não melhora ou piora a qualidade do ensino. É como um megafone – só amplifica. Nas mãos de um desafinado, não vai gerar nenhum bom resultado.

No ensino superior, os desafios não serão muito diferentes. O infográfico abaixo, produzido pela Porvir, resume o que vai reger a educação superior em um futuro já muito próximo.

Fonte: <http://exame.abril.com.br/rede-de-blogs/midias-sociais/2013/06/19/a-revolucao-da-educacao-digital-com-infografico/>

Segue abaixo o infográfico

O ENSINO SUPERIOR FM (R)FVOI UÇÃO

Os desafios da adequação das universidades às demandas do século 21



A UNIVERSIDADE HOJE

DE COSTAS PARA O MERCADO

85 MILHÕES será o déficit de trabalhadores especializados até 2020

7 MILHÕES de profissionais técnicos serão necessários até 2015 no país

POUCO PRÁTICA

79% das graduações no Brasil privilegiam a teoria

73% dos alunos acreditam que a abordagem prática é um instrumento mais eficaz de aprendizado

PARA POUCOS

35,8% dos jovens brasileiros entre 18 e 24 anos estão na universidade

NÃO DETÉM MAIS O MONOPÓLIO DO CONHECIMENTO

98 universidades de renome do mundo oferecem cursos livres e gratuitos por meio de Coursera e edX

O JOVEM

geração Y, formada por pessoas de 18 a 30 anos, tem desejos e hábitos que não necessariamente são acolhidos pela universidade

USA TECNOLOGIA

de maneira integrada às atividades cotidianas

TEM CAUSA

com alto nível de engajamento em causas que o preocupam não quer só ganhar dinheiro 62% dos latino-americanos acham que podem fazer a diferença no mundo



NÃO TEM UM SO INTERESSE

estuda o que lhe interessa, mesclando habilidades tradicionalmente ligadas a profissões diferentes

É EMPREENDEDOR

75% dos brasileiros acreditam que têm oportunidades para empreender

A UNIVERSIDADE AMANHÃ

● Grandes tendências ● Tecnologias emergentes



1 SOB DEMANDA/FLEXÍVEL

Tecnologia per mite que estudantes aprendam quando, onde e o que quiserem, presencial ou virtualmente

2 COLABORATIVA

Relação entre professores e alunos pauta-se pela colaboração, já que experiências de vida e adquiridas fora da universidade passam a ser válidas

3 EMPREENDEDORA

Estudantes são estimulados a criar soluções e "aprender a aprender", para encontrar ou inventar seu lugar no mercado

4 MÃO NA MASSA

Universidades orientam-se, cada vez mais, por resultados, oferecendo a possibilidade de os alunos trabalharem em projetos que unam várias áreas do conhecimento

5 SUSTENTÁVEL

Universidades tornam-se muito mais eficientes energeticamente e mudam currículos de forma a transversalizar o tema da sustentabilidade em sua grade